

IDENTIDADE E CULTURA NO SUL DO BRASIL

Identity and Culture in the South of Brazil

Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes¹
Marines Serafini²

RESUMO: Este texto procura suscitar reflexões sobre identidade e cultura. A intenção é de analisar a construção da identidade e da cultura em face da pluralidade étnica no sul do Brasil, levando-se em conta as mudanças estruturais das identidades, sejam elas locais ou globais. As identidades estão sendo deslocadas e fragmentadas, evento que denominamos crise de identidade. Este assunto está sendo abordado por diversos teóricos, uns acreditam no resgate da cultura, costumes, crenças, raças e em sentimentos de pertencimento das populações, outros acreditam que o mundo globalizado tende a pôr fim à culturas tidas como sólidas e puras, transformando-as em culturas mestiças.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, etnicidade, cultura e mestiçagem.

ABSTRACT: This text tries to raise reflections on identity and culture. The intention is of analyzing the construction of the identity and of the

¹ LOPES, Fátima Marlise Marroni Rosa. Mestre e Doutoranda em História - Programa de Pós-Graduação História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Profª da URI Campus Frederico Westphalen.

² SERAFINI, Marinês. Aluna do Pós- Graduação Lato Sensu História do Brasil e Perspectiva Regional da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI Campus Frederico Westphalen.

culture considering the ethnic plurality in the south of Brazil, being taken into account the structural changes of the identities, be them places or global. The identities are being moved and fragmented, even that denominated identity crisis. This subject is being approached for several theoretical, some believe in the rescue of the culture, habits, faiths, races and in the feelings of sharing of the populations, while others believe that the globalized world tends to obstaculize the cultures had as solid and pure transforming them into mixed race cultures.

KEY-WORDS: Identity, ethnicity, culture and mestization.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o tema da identidade surge com um grande ímpeto. Autores de diferentes áreas disciplinares criticam a concepção de identidade integral, falando sobre sua fragilização, a partir da fragmentação do sujeito. A crise de identidade é discutida por teóricos como uma característica das sociedades contemporâneas, no chamado pós- modernismo. Mas desde a conquista da América Latina, percebe-se a busca de uma identidade dos povos conquistados, “os efeitos da conquista e as humilhações posteriores despedaçaram a identidade cultural e social que os indígenas tinham alcançado, contudo esta identidade fragmentada é a única que persiste na Guatemala”. (Galeano, 2000,p. 61)

Houve perda da identidade dos povos latinos no período colonialista, resultante da invasão e dominação da cultura eurocentrista, que os considerava inferiores.

Devido a essa intervenção cultural, da qual decorreu a perda da identidade dos povos latinos, houve um hibridismo cultural, tendo prevalecido a cultura do dominador, em face do que jamais saberíamos como seria a cultura dos povos latinos na contemporaneidade, senão tivesse havido a intervenção de cultura alienígena.

“Na semana santa os herdeiros dos Maias dão lugar a terríveis exhibições de masoquismo coletivo. Arrastam pesadas cruces, participam da flagelação de Jesus Cristo passo a passo” (Galeano, 2000, p. 62).

Neste contexto, podemos perceber que os descendentes dos Maias antes do contato com o povo europeu eram povos idólatras, e que forçadamente conceberam o cristianismo e, deste modo, perderam sua identidade que até aquele momento era tida como pura.

Gruzinski (2002) ao analisar os processos de mestiçagem no México relata que, vivemos em mundos mesclados, e o confronto destes mundos diferentes gera um hibridismo que dificilmente é notado pelos remanescentes das culturas originais. Gruzinski afirma que o choque da Conquista forçou os grupos ali presentes a se adaptarem a universos fragmentados e fraturados, a viverem situações insólitas e imprevisíveis e contentar-se com um intercâmbio precário visto que relacionavam fragmentos da Europa, da África e da América. Estas condições marcaram fortemente as mestiçagens que se desenvolveram na América e penso que este mesmo processo se estendeu também no Brasil.

DESENVOLVIMENTO

A pluralidade cultural existente no Brasil, e no Rio Grande do Sul em especial, é o resultado de um longo processo histórico de interação entre aspectos políticos e econômicos no plano nacional e internacional. Esse processo apresenta-se como uma construção cultural brasileira, altamente complexa e redefinida, apresentando características regionais e locais. Coexistem aqui culturas singulares ligadas a identidades de origem de diferentes grupos étnicos e culturais. Essa composição cultural tem se caracterizado por plasticidade e permeabilidade, incorporando em seu cotidiano a criação e a recriação das culturas de todos esses povos, sem diluí-las, ao mesmo tempo em que permite seu entrelaçamento. Neste entrelaçamento de influências recíprocas, configura-se a permanente elaboração e redefinição da identidade nacional em sua complexidade.

Considerando que a cultura está envolvida em todas as formas da atividade social mencionamos que os processos de significação social, inerentes à cultura não se dão sem permanentes lutas e tensões. É onde os

diferentes grupos sociais em diferentes posições de poder lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. Nesta concepção, a cultura é um campo contraditório de significação, buscando a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos. Sob a perspectiva de Certeau, (1995) toda a cultura requer uma atividade, um modo de apropriação, uma adoção e uma transformação pessoais, um intercâmbio instaurado em um grupo social. É exatamente esse tipo de “culturação”, se assim podermos dizer, que confere a cada época sua fisionomia própria.

Podemos também definir a cultura no sentido restrito e antropológico. No sentido restrito é a busca pela sabedoria; é a busca do aprofundamento da verdade; é o gosto pela ciência, é o progresso das letras e ciências enriquecendo a civilização. No sentido antropológico, é o conjunto de bens materiais e espirituais, fruto da inteligência humana; é tudo aquilo que o homem acrescentou à natureza; é a herança social que abrange elementos e instituições materiais abstratas e organizadas. (Lazarotto, 2002).

Ao analisarmos a identidade cultural do Rio Grande do Sul temos que contextualizar o processo de miscigenação que ocorreu no Brasil, a partir da chegada dos primeiros povos europeus. A mistura das raças ocorreu principalmente entre o homem português ou luso brasileiro e a mulher indígena ou africana e, depois também as mestiças em geral, no suceder das gerações e dos séculos. Esta miscigenação ocorrida está impregnada principalmente da marca escravista e da consciência cultural da época onde os índios, os africanos e também os mestiços eram considerados inferiores pelo homem branco e, por isso eram abusados sexualmente. Para Brum (2002) no do Rio Grande do Sul, com a destruição das antigas missões jesuíticas milhares de índios sobreviventes foram aprisionados e levados para São Paulo, o que contribuiu para dizimá-los, e, conseqüentemente houve uma carga genética menor destes povos em nossa formação. Com relação à presença da raça negra na formação da identidade dos povos do Sul ela também foi reduzida, pois a real ocupação do território gaúcho iniciou-se em 1732, por portugueses e luso brasileiros, portanto o tempo de escravidão no território gaúcho foi mais curto. Soma-se a este processo uma forte presença da imigração européia, que juntamente com

o entrelaçamento étnico ocorreu uma contribuição da influência cultural de cada raça, ocasionando uma integração e enriquecimento histórico contínuo e permanente.

Ainda em relação ao Rio Grande do Sul há um Rio Grande Açoriano, Português, Polonês, Italiano, Alemão, Negro e Judeu, e de tantos outros povos que aqui vieram morar. Somando-se a todos temos os povos indígenas, primórdios desta terra, que foram castrados culturalmente pelo europeu. Cada povo que aqui chegou trouxe consigo um pouco de seu país de origem. Estes grupos foram divididos, mas tinham várias áreas de contato com outros grupos, todos em processo de adaptação, procurando viver como no país de origem.

A diversidade cultural da população gaúcha dificulta sua categorização. Todos esses grupos étnicos contribuíram para que houvesse uma aproximação espontânea e voluntária, com finalidade associativa. Esses grupos foram se adaptando gradualmente às adversidades aqui existentes. Com isso houve automaticamente um hibridismo de culturas. Por sua vez Hall afirma:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. (Hall, 2003, p. 12)

Diante de toda esta diversidade cultural existente na população do Rio Grande do Sul, em que se inserem as etnias, não podemos falar em culturas em seu sentido estrito, mas sim em contribuições culturais étnicas, que trouxeram e que foram assimiladas e incorporadas pelo gaúcho, segundo Carboni e Maestri “De fato, o primeiro fenômeno que ocorre com quem emigra de um país para o outro é o de ter de selecionar o que irá manter e o que irá abandonar de sua cultura de origem”. (p.118). E, hoje, na pós-modernidade quem são os gaúchos? Seres ecléticos que adotam posturas independentes para sobreviver às

profundas transformações sócio-econômicas ocorridas nas últimas décadas? No âmbito dessa reflexão relembremos Hall, que diz:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. O sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade se torna uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Hall, 2003, p.12)

Na representação do homem pós-moderno, parte-se da idéia de que as identidades culturais não são somente construídas socialmente, mas também pelos meios de comunicação, que exercem diretamente influência no cotidiano dos indivíduos. Para Diehl, (1993, p.166). “A pós-modernidade se configura pelo elemento ‘des’- esvaziador das identidades históricas, dos ‘des’- projetos históricos, sem hierarquias, sem valores dos modernos”. O autor prossegue:

No pós- moderno já não existe o céu, nem sentido para a história a entrega é completa ao presente, ao prazer do consumo, alimentada pela sociedade baseada na informação, do micro-chip, portanto, na micrologia e na digitação do social e do cotidiano, tornando-se necessário uma nova gramática, para decifrá-la, pois as dos modernos não alcança mais os novos significados. (p. 168)

O pavor dos pesquisadores que vêem a globalização como um processo devastador não é sem fundamento. Entre os muitos conceitos que nasceram a partir dessa nova realidade mundial está o de desterritorialização. Garcia Canclini (2001) ao relacionar a desterritorialização com as causas dos cruzamentos culturais (hibridismos), define-a como a perda da relação natural da cultura com os territórios

geográficos e locais, que têm como causas as migrações, a descentralização das empresas, a simultaneidade planetária da informação, a adequação dos saberes e imagens internacionais aos conhecimentos locais e a disseminação dos produtos simbólicos pela eletrônica e a telemática.

Stuart Hall (2003) ao tratar o posicionamento das identidades culturais, acredita ser inegável que a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional: “ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação tornando as identidades mais políticas, plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas”. (p. 87)

Se as identidades culturais estão se modificando por causa da globalização estaria o local fadado ao desaparecimento, já que há uma iminente tendência à homogeneização cultural? Com base nos estudos dos pesquisadores já citados, podemos afirmar que os cruzamentos culturais e raciais tendem a enfraquecê-los, mas também vem estimulando o surgimento de novas identidades e conseqüentemente novas culturas, hoje chamadas de híbridas. As culturas híbridas possuem como característica o respeito à diversidade e a convivência com o diferente. Dessa forma, o local se configura como um espaço de afirmação, identificação e ancoragem. Anunciar o seu desaparecimento implica aniquilar um ponto de partida para cada indivíduo, mesmo que, posteriormente, caminhe em direção a outras formas e regimes socioculturais. Sobre esse ponto, Canclini (2003) afirma que o discurso que prega a evaporação do local se apresenta, na realidade, como uma máscara que esconde as tendências expansivas do capitalismo, sempre necessitado de homogeneizar e aproveitar a multiplicidade. Debruçar-se sobre o local ajuda a entender os mecanismos de funcionamento das inúmeras micro-sociedades que compõem a sociedade brasileira. Do particular, chega-se ao universal.

Stuart Hall (2001) chama atenção que há um novo interesse pelo local. Na verdade a globalização explora a diferenciação do local quando atua em nichos de mercado e adapta produtos internacionais à realidade local, facilitando a identificação e aceitação do produto. Nesse sentido o autor chama a atenção para que, ao invés de se pensar no global

como substituto do local, deve-se pensar uma nova articulação entre o global e o local.

Outro aspecto que não pode ser deixado de lado é o de que há identidades que estão sendo “reforçadas” pela resistência a globalização. O lado negativo desse reforço pode ser observado na forte reação defensiva daqueles membros de grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. Isso tem sido a causa de muitas guerras civis no mundo contemporâneo.

Contrariando o conceito de identidade fragilizada Manuel Castells (1999), defende o fortalecimento das identidades locais, na forma até de fundamentalismos, a fim de constituir resistência a globalização. A volta às identidades é vista como única forma de segurança pessoal. Para o autor:

Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais com a identidade tornando-se a principal e, as vezes, a única fonte de significação, a fragmentação se propaga a medida que as identidades tornam-se mais específicas e cada vez mais difíceis de compartilhar. (Castells, 1999, p.23)

Por sua vez Martin - Barbero, citado por Brignol (2002) entende que o retorno das identidades, funcionando como protetor das culturas contra a dissolução da sociedade em um mundo de mercados, redes e fluxos de informação, acarreta como consequência o afastamento da intolerância e a possibilidade de expansão da solidariedade e da memória. “Na sua profunda ambigüidade, são abertos caminhos para que outras vozes sejam lançadas contra as mil formas em que hoje são revestidas a exclusão cultural, política e social” (p.12). Um grande número de pensadores concorda com a idéia de que há uma transformação do sujeito a partir das mudanças sociais intensificadas com a revolução das tecnologias da informação. A noção de tradição perde espaço para aceitação de que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença. Retomando Hall (2001) podemos perceber que não podemos qualificá-las como unitárias

ou puras. Assim adquire vigor a compreensão das identidades fundamentadas em intercâmbios, misturas, trocas, convivências e apropriações. Para Canclini (2001) a crise de identidade não traz exclusivamente desilusão ou perda, como também favorece o aparecimento de uma identidade renovada nutrida em várias compilações, “que pode ser multilíngue, nômade, transitar, deslocar-se, reproduzir-se em lugares distantes do território onde nasceu”. O surgimento de novas formas de interação, com o desenvolvimento da tecnologia e o surgimento da internet é um dos fatores de resistência e transformação das identidades, consideradas multiculturais híbridas.

No caso do Rio Grande do Sul as colônias formadas por populações européias viveram por muito tempo relativamente isoladas. Esse relativo isolamento foi imposto pelo sistema de colonização. Distantes dos centros urbanos sem contato com a vida do gaúcho continuaram falando a língua de seu país de origem e a viver segundo suas tradições e costumes. A formação de grupos étnicos homogêneos foi favorecida pelo governo com a intenção de fomentar a solidariedade étnica, dispensando assim a ajuda do governo nos primeiros anos de instalação dos imigrantes. Mas esses nichos preocupavam as autoridades rio-grandenses, pois representavam perigo político a presença destes grupos de estrangeiros falando outra língua, e vivendo outras tradições.

O governo e a opinião pública se inquietaram com esta homogeneidade de povoamento que se estendia sobre uma zona cada vez mais vasta(...). Desejou-se banir uma língua e tradições, que, outrora, eram consideradas como uma fonte de disciplina e de atividades e desfazer a solidariedade local e étnica que, no início havia sido encorajada. (Roche, 1969, p. 95)

No entanto nas novas colônias do planalto, como Erechim, Ijuí e outras, a mistura de etnias foi rigorosamente aplicada, contudo a formação de grupos homogêneos se fez no interior da colônia.

A assimilação dos costumes gaúchos pelos imigrantes foi lenta e progressiva. Os nativos tiveram dificuldade em absorver o costume dos

estrangeiros e seus descendentes. O que houve foi uma reciprocidade cultural e social entre os nativos e estrangeiros. Desta maneira a alteridade entre as etnias foi obrigatória. “A alteridade sempre intervém para prevenir o sujeito de fixar-se em um sistema de significação fechado e mantém aberta uma nova área de negociação de significado e representação” (Maclarem, 1997, p.199). Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que a alteridade já é em si mesma parte constitutiva permanente e necessária da identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas reflexões poderíamos sugerir que o que temos no Rio Grande do Sul é uma “comunidade imaginada” que é culturalmente construída. Relata Hall (2001) que: “As culturas nacionais ao produzir sentido sobre a nação, sentido com os quais podemos nos identificar, constroem identidade”. Esses sentidos estão embutidos nas histórias que são contadas, que, conectam o presente ao passado e imagens que delas são construídas. Ao pensarmos no Estado do Rio Grande do Sul logo lembramos os pontos que o identificam, como o chimarrão, o churrasco, as danças folclóricas. Podemos notar também que ao costume do gaúcho foram incorporados o vinho, o chopp, a culinária e o modo de produção e industrialização de matérias primas, herdados dos legados migracionistas europeus. No que se refere às etnias do Rio Grande do Sul, elas gravitam em um plano imaginário de possuir uma cultura “pura” o que na verdade não existem culturas puras, mas sim culturas mestiças. E alguns dos motivos são a globalização e a alteridade nas culturas locais regionalizadas. Gruzinski (2002) ao definir mestiçagem menciona vários tipos, mas é principalmente a mestiçagem cultural das práticas, a mistura dos comportamentos, das crenças, dos imaginários, das idéias. Não é a mestiçagem biológica. Gruzinski tentou compreender que a mestiçagem não é um fenômeno exótico próprio à América Latina ou à Ásia e África; hoje é um fenômeno generalizado. Segundo o autor tudo se mistura no planeta. Sua reflexão sobre a mestiçagem está ligada a reflexão sobre a globalização. Tentar compreender qual é a relação que pode haver: entre a mistura de culturas

e o desenvolvimento de uma dominação planetária num contexto político. Para o autor: “mestiçagem não é apenas um fenômeno racial ou exótico, é uma forma de mistura cultural com aspectos negativos e positivos”. No caso do Brasil nem todos os brasileiros são mestiços. Mas a cultura brasileira é uma cultura mestiça. O lado positivo é a capacidade dos indivíduos de acumular, adicionar patrimônios culturais. É muito mais rico ter três culturas do que ter uma só. Mas isso na medida em que o indivíduo é livre para poder escolher o patrimônio, eis a dimensão positiva. A negativa é quando uma mistura é imposta, ligada a uma mesma área, a áreas extremamente limitadas que podem só dizer respeito a alguns aspectos da vida cotidiana e ao lazer, e as quais os indivíduos não podem escolher. É uma questão de liberdade.

Para Gruzinski (2002) a percepção dos historiadores dificilmente alcança as inúmeras variáveis que compõem o processo da mestiçagem e sua enorme complexidade. O autor demonstra tratar-se de um fenômeno que desencadeava a globalização já no século XVI com a descoberta da América. Naquela época começava a mestiçagem planetária. A globalização foi assegurada pelos portugueses e espanhóis. A partir de 1480, o que se chama Monarquia Católica é a primeira forma de uma dominação mundial. Essa dominação ibérica desencadeou a mestiçagem. E é por isso que se trata de fenômeno político. Destaca, com isso, o papel das potências ibéricas e de sua “Monarquia Católica” como responsáveis pelo avanço das misturas culturais. Dessa forma os portugueses e espanhóis tiveram um papel fundamental para desencadear a globalização. Foram eles que criaram a globalização e as pessoas na época tinham consciência disso, daí o que chamaram de dominação a “Monarquia Católica”, com a palavra “Católica” no sentido de universal.

Para Gruzinski (2002) “a mestiçagem é uma oposição ao etnocentrismo, porque obriga a pensar sempre em vários mundos ao mesmo tempo. Quando se está consciente da riqueza da multiplicidade de culturas misturadas”. Mas as pessoas ainda não aprenderam a ter vários pontos de vista, é muito difícil. As pessoas preferem o branco e o preto, o bom e o mau, eu e o outro. Precisamos aprender que somos também o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIGNOL, Dutra Liliane. **INTERCOM Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador/BA – 01 a 05 set. 2002.

BRUM, Argemiro J. **Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2001.

CARBONI E MAESTRI. **Raízes italianas no Rio Grande do Sul, (1875- 1997)**. Passo Fundo: UPF, 2000.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no Plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIHEL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica nos anos 80: mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira – (IV)**. Porto Alegre: Evangraf, 1993.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LAZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí.** Ijuí: Unijuí, 2002.

MACLAREM, Piter. **Multiculturalismo crítico.** São Paulo: Cortez, 1999.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, vol. I, II, 1969.

Recebido em maio de 2005
Aprovado em agosto de 2005